

INTERVENÇÃO FONOAUDIOLÓGICA EM CRECHE COMUNITÁRIA: O OLHAR FOCADO NA POTENCIALIDADE

Daniele Irassochio, Ivana Oliveira, Luciana Schiavo, Mariele Peruzzi, Clarice Wolff, Márcio França.

Resumo: Este trabalho baseia-se na experiência vivida e na reflexão causada pelo estágio curricular de Saúde Coletiva, previsto no curso de Fonoaudiologia desta Universidade, através da atuação em uma creche comunitária localizada em Porto Alegre. Nosso objetivo foi buscar uma reflexão sobre o olhar clínico obtido em nossa formação acadêmica, e de que forma este olhar compromete nossas intervenções no coletivo. É necessária a noção de que “o ambiente em uma creche deve ser especialmente criado visando oferecer à criança, em seus primeiros anos de vida, condições ideais que propiciem e estimulem seu desenvolvimento integrado e harmonioso” (Valente et al, 2006). Quando fomos reconhecer o local do estágio e a comunidade em que estava inserida, já devíamos pensar em alguma atuação com as crianças, mas pensando, também, em uma prática que fosse importante ao professor. Houve muitas dificuldades para planejar uma intervenção onde o foco não fosse solucionar alguma questão patológica existente na turma, mas pensar, sim, em promover uma atuação onde o desenvolvimento da criança fosse tomado como principal item a ser trabalhado. A intervenção fonoaudiológica ocorreu em duas turmas, sendo a primeira delas formada por crianças de 0 a 1 ano. Sabe-se que crianças com esta idade estão desenvolvendo sua fala por meio dos primeiros balbucios e primeiras palavras, bem como a atenção. A oficina realizada trouxe uma estimulação auditiva de repetição de sílabas através da música “O sapo não lava o pé”, além da percepção do corpo, da atenção na história contada e nos nossos comportamentos. Já na segunda turma, de 2 a 3 anos de idade, o foco foi a consciência corporal, pois é nessa idade que as crianças começam a desenvolver essa habilidade. Para tanto, foi utilizada a música “Cabeça, ombro, joelho e pé”. Acreditamos que intervenções em grupo com esse tipo de objetivo sejam mais vantajosas do que promover a retirada do bico, pois seu uso reflete diferentes contextos familiares e sociais, e nem sempre pode ser patologizado. Percebemos que educação para a saúde é mais do que informar, é criar condições para que as pessoas se conscientizem e se capacitem para reconhecer suas necessidades de saúde e podendo expressá-las. Sabemos dos prejuízos que o uso do bico traz, mas também sabemos que, em um local com diversas crianças, onde cada uma tem a sua forma de criação e onde há poucos professores, fica dificultada a retirada total deste hábito. É preciso que se trabalhe, não só com as crianças, mas também com os cuidadores, as questões que têm sua prática viável. É preciso lembrar que a criança não passa todas as horas do dia na creche, e que, numa intervenção neste local, dificilmente os pais serão incluídos. Por fim, pensamos ser importante a inserção de disciplinas na graduação que abordem a construção de um pensamento mais voltado à necessidade de informação e estimulação que existe, neste caso, no grupo de crianças.